

MIGUEL MANSO

Livros

Ensaio

A condição da pós-memória

13 ensaios e um prefácio que enquadra teoricamente perfis e heranças dos artistas da chamada “pós-memória”.
Marta Lança

Novo Mundo: Arte Contemporânea no tempo da pós-memória

António Pinto Ribeiro
Edições Afrontamento



Na conferência inaugural do fórum Estado do Mundo, em 2006, Homi Bhabha reafirmaria, segundo António Pinto Ribeiro,

“uma premissa dos estudos póscoloniais, a saber, a importância da dimensão biográfica na constituição de um discurso e a importância política da biografia.” O percurso biográfico dos artistas de *Novo Mundo: Arte Contemporânea no tempo da pós-memória* recai nos critérios de escolha do autor, o programador António Pinto Ribeiro, assim como são relevantes a diversidade de géneros, a pertinência das obras “na atual paisagem afropolitana” e, ainda, o facto de serem artistas da “pós-memória”. Pós-memória será a condição de quem partilha experiências traumáticas não directamente vivenciadas, transmitidas em ambiente familiar de modo profundo.

A segunda e terceira geração de origem de países ex-colonizados ou artistas intrigados pela questão colonial são enformadas e afectadas por tais memórias “em diferido”, neste caso por processos de descolonização, guerras, migrações, e daí retiram a matéria para a sua produção artística. O livro transita pelas estratégias de cada artista e recupera e problematiza essas memórias. Como ressignifica arquivos pessoais ou institucionais, a forma como são narradas as identidades híbridas e compósitas, trazendo a lume as contradições da modernidade e do cânone europeias. Se é verdade que as heranças culturais destes artistas contribuem, em tensão e perspectivas, para o cosmopolitismo da Europa, também nos revelam as várias



António Pinto Ribeiro é investigador do Centro de estudos Sociais de Coimbra, no projecto *Memoirs – Filhos de Império de Pós-Memória Europeia*

faces da dita interculturalidade europeia. O indagar destas abordagens comparticipa no “dever de memória” de Primo Levi, ou seja, na vontade de transmitir às gerações futuras o contexto para os testemunhos doridos.

António Pinto Ribeiro é investigador do Centro de Estudos Sociais, de Coimbra, no projecto *Memoirs – Filhos de Império e Pós-memória Europeia*, dirigido por Margarida Calafate Ribeiro, do qual resultam centenas de artigos, publicações, entre os quais este livro e *Não dá para ficar parado: Música afro-portuguesa. Celebração, conflito e esperança*, do jornalista Vítor Belanciano. *Memoirs* é um projecto tão abrangente como urgente, e envolveu 120 entrevistas a artistas “da pós-memória” que vivem em Portugal, na Bélgica e em França, e a realização da exposição *Europa Oxalá* inaugurada a 19 de Outubro em Marselha, com co-curadoria de Pinto Ribeiro e que, segundo o próprio, assinala “o momento ideal para desobstruir o mito colonial e a melancolia pós-colonial designados como ‘arte africana’”.

Desde 1992, como director artístico da Culturgest, da Fundação Gulbenkian e como

curador da capital Ibero-Americana, Pinto Ribeiro singulariza-se na programação cultural portuguesa pela sua astúcia em trazer o que de mais estimulante se produz e pensa nas culturas do mundo, com especial atenção para África, América Latina e suas diásporas. Emblemático desta mediação cultural foi o impactante programa *Próximo Futuro* (2009-2015).

Na mesma linha de valorizar vozes pulsantes é na Europa crioula, sem desprezar as tensões e violências de uma região que se tomou por universal, que os artistas do Novo Mundo se encontram. O livro é composto por 13 ensaios e um prefácio que enquadra teoricamente os diversos perfis e contextos artísticos. Em muitos deles encontramos manifestações de afropolitanismo, defendido por Achille Mbembe enquanto movimento cultural que faz de África o ponto de encontro de distintos movimentos migratórios. Quanto a essas manifestações afropolitanas, Pinto Ribeiro indica que “só podem acontecer em contextos de liberdade e num processo de descolonização europeia”.

E lemos sobre as descobertas

caboverdianas e a reinvenção da música de Dino d’Santiago, o trabalho de Délio Jasse sobre documentos e a imagem colonial, a força dos retratos e das ligações mapeadas por Francisco Vidal, a multidisciplinaridade do artista congo-flamengo John K. Cobra, a infância argelina nas fotografias de Louise Narbo e no cinema confessional e sussurrante de Amalia Escrive, que aborda os dramas do êxodo dos *pieds-noirs*. Também de origem argelina, os filmes de Fátima Sissani dignificam as guerrilheiras da Frente de Libertação da Argélia, a amizade, ocupam-se dos sentimentos de exclusão das imigrações em Paris, da língua como instrumento de poder e resistência cultural, do reivindicar de várias culturas e identidades: francesas, argelinas, malianas?

No belíssimo ensaio sobre Margarida Cardoso fica declarada, de *A Costa dos Murmúrios* (2004) a *Understory* (2019), a coerência de uma realizadora que afirma não ter qualquer “sedução por África, [a quem] interessam mais as relações coloniais... onde as pessoas têm um determinado lugar”. Uma instigação movida, segundo Pinto Ribeiro, pelo “espanto, a estranheza, o enigma de uma situação”. Cardoso foi atrás dos arquivos e do “nascimento” do cinema em Moçambique e das várias violências da situação colonial e da guerra: emocional, a exploração da natureza, os conflitos e expectativas do pós-independência. Igualmente empolgante é acompanhar a caminhada do grupo Teatro Griot, desde 2009 filiado num “processo desobediente de se apoderar de textos canónicos e deles extrair a diversidade possível de interpretações e resoluções”. As experiências de encenação posicionaram “artisticamente este teatro como uma identidade emergente, híbrida, do africano e do europeu (ou do africano europeu?)”. “O resto vem conosco, vem com aquilo que somos”, diz a certa altura a atriz e encenadora Zia Soares. Seguimos ainda os procedimentos artísticos da performer e escritora Ana Mendes, de Nuno Nunes-Ferreira, de Katia Kameli ou de Aimé Mpane.

Ao longo dos capítulos somos brindados com preciosas informações e sequências de referências, nas áreas do teatro, cinema, fotografia, a genealogias sobre os temas pós-coloniais, assim como ao enquadramento histórico e social das migrações. Porque é que analisar as tendências da arte ajuda a pensar o momento que vivemos? Porque estes projectos artísticos insistem em revistar e desconstruir narrativas coloniais, em rejeitar a História firmada na monumentalidade e heroicidade, em inspirar-se nos debates ecofeministas, em sublinhar a discriminação, racial e cultural através de histórias pessoais, em investir contra a colonização de

imaginários. Porque o seu modo de produção, de discursividade e de crítica, a educação artística ou as técnicas sincréticas utilizadas, são pistas para perceber o mundo contemporâneo.

O defeito previsível de um conjunto de ensaios é o facto de o autor ir repetindo certas ideias ao longo dos textos. É o caso das descrições do conceito de pós-memória de Marianne Hirsch, e o paradigma epistemológico do grupo decolonial latino-americano (Mignolo, Quijano e Dussel), assim como a ideia reiterada de um pesado silêncio e recalque sobre as guerras coloniais e o colonialismo.

Ficção

Um abismo da depressão

A escrita de Evans é límpida acompanha com brio o desmoronar das relações afectivas. *Helena Vasconcelos*

Pessoas Comuns

Diana Evans
(Trad. Tânia Ganho)
Quetzal Editores



É difícil haver algo mais comum e corriqueiro do que uma história centrada na vida quotidiana de dois casais da classe média, na Londres

contemporânea. Michael e Melissa, Damian e Stephanie são os protagonistas principais deste romance, aparentemente tradicional, ao qual a autora imprime um cunho que podemos associar ao realismo do século XIX. A comparação com, por exemplo, Charles Dickens vem a propósito,



Pessoas Comuns: o processo de afastamento (físico, psicológico, erótico) dos amantes